JUBILEU DE OURO
(1973-2023)

SERVIÇOS COMUNITÁRIOS DE ROBERTO AIRES

Realização: Roberto Aires | Diagramação: Hebert Tomazine

Teresópolis, Abril/2023

Memória e celebração

Hesitei, por muito tempo, registrar em uma publicação minha história de vida comunitária. Poderia tê-lo feito no Jubileu de Prata (25 anos, em 1998), ou nos 30 ou 40 anos. Não o fiz. Mas, não poderia deixar passar o Jubileu de Ouro, porque muitos vinham me pedindo e também porque entendi que havia se passado tempo demais. Decidi, então, fazer este impresso. Afinal, com Dom Mauro Morelli, pastor e amigo, este discípulo aprendeu a importância de se "fazer memória" e de "celebrar". Evitei depoimentos de terceiros. Dei lugar às minhas próprias memórias, o espaço é delas...Tudo começou em 1973, quando meu pai convidou-me para ingressar em um clube de futebol. O serviço comunitário permitiu-me muitas vidas: técnico de futebol, ministro da Palavra, jornalista, pregador, missionário, chefe escoteiro, professor, catequista, administrador, dirigente, líder comunitário... Nada seria possível sem a permissão de Deus. E agradeço o apoio de minha esposa Vera Lúcia, de minhas filhas Karla e Karina, genros, e da netinha Luisa, nossa Lulu (foto ao lado), e demais familiares e amigos.

1974. Time do 2º Quadro no campo do Santo Antônio F.C.

ESPORTE CLUB CANTAGALO, ONDE TUDO COMEÇOU

O time surgiu, em 1972, como uma equipe de "pelada" de moradores da então rua Cantagalo (renomeada Joaquim José Soares), de Gramacho. À frente, os amigos Aires Macedo, Oto, Zé Alcantara, os irmãos José Augusto e Luiz Fernando Pinto (filhos do Manoelzinho), o Alacrino, o enfermeiro Carlinhos e o Seu Manoel da Barraca. Salazar era o torcedor mais exaltado. Os mais jovens jogavam e os mais velhos colaboravam no que pudessem, como sócios, dirigentes e torcedores. Em 1973, meu pai convidou-me para ingressar no clube com ofertas tentadoras: faria o jornal semanal mimeografado, que eu batizaria de "O Galo do Dia", e estaria à frente do time de adolescentes ("Escolinha"). O amigo Accácio Teixeira colaboraria muito nessas empreitadas. Foi um sucesso, adquirimos uniforme novo, camisas amarelas e calções verdes. E participamos do campeonato do SESI. No time estavam os saudosos Pascoal e Clebinho e também Celso Neguinho, Peba, Paulo Roberto (o "Paulão"), Robson, Nilson, Paulo César, Pantera, Tentém, o goleiro Bel, Augusto, Osman, Wilson, Agnaldo ("Dentinho"), Fernandinho dentre outros... além dos saudosos técnicos Manoel Bonifácio ("Manoel Preto") e Tadeu.

Além do time de Escolinha, havia os times de Primeiro e Segundo Quadros, de adultos, que jogavam nas tardes de domingo, respectivamente, de 14 às 16h, e de 16h às 18h. O Segundo Quadro chegou a ser Vice-Campeão do Torneio da Amizade em 1975. As duas equipes participaram do Torneio da Amizade, percorrendo os campos de várzea da Baixada Fluminense. Nas minhas memórias ressurgem em campo os jogadores Alberto, Padeirinho, Ivo, Luiz Fernando, Viana, Valentino, Tim Maia, Edilson, Lica, Adelson, Damião, Jorge Seixas, Branco, Ademir, Sílvio, César, Bentinho, Bruno, César, Betinho, Bruno, Luís Figura... E os saudosos Eucir, Paulinho e Luís... e muitos outros. Com o sumiço dos campos, dos times e dos torneios, houve decadência generalizada do futebol amador em nosso município, infelizmente... E o E.C. Cantagalo também encerraria suas atividades, em 1977, quando seu material esportivo foi doado aos jogadores. Mas o clube teima em permanecer vivo em nossos corações, em nossas mentes, porque aqueles tempos foram mágicos demais!

Formandos da catequese de 1980, com o então padre Francisco Biasin, atual bispo emérito de Volta Redonda

SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Eu retornei, após convite da Solange Gossani, à Igreja Sagrado Coração de Jesus – onde fizera minha Primeira Comunhão quando criança - em 1977, aos dezoito anos, após pouco tempo no grupo jovem JAG (Juventude Amiga do Gramacho), na Igreja São Sebastião. As missas dominicais eram bem cedo, 7h da manhã, com pequena participação. Ali, reencontrei Dona Maria José Almeida que havia sido minha catequista, fundadora da comunidade, com Dona Cecília Almeida. E também o casal Juarez e Iara Inácio; o Mário Deodoro, que seria meu padrinho de casamento; o Abraão, Lucy Rodrigues, Valdete Gomes, Vanderli, Cristina Fernandes, Nelson Guedes... e outros.

Mas, no Sagrado, encontrei, também, pessoas de minha geração: a boa turma do grupo jovem JAMP (Juventude Amor e Paz). Lá estavam os jovens Zé Maria Fintelman, Denys Frederico, Gilberto (in memoriam), Toninho Algedir (in memoriam), depois a Regina Célia Rocha (minha madrinha de matrimônio), dentre outros.

O "Sagrado" foi minha base, minha grande escola de vida comunitária: ali, aprendi e fui coordenador de comunidade, catequista, líder de grupo jovem e de grupo de oração, divulgador, organizador de festas e campanhas de obras, pregador, palestrista e ministro-da-Palavra. No início dos anos 80, estabeleci contato com a professora Léa e outras professoras de religião e elaboramos o projeto de encontros de evangelização de jovens nas escolas públicas ("Barão", "Fidélis Medeiros", "Araribóia" e "Aura").

Depois, o segundo grande projeto seria ousado: transferir a festa junina da comunidade da rua Boa Sorte (que não era calçada), no morro, para a Avenida Miracema para atingir um novo patamar de moradores do bairro. A mudança foi sucesso de público, renda e repercussão, a maior participação popular nas quermesses até hoje, certamente. Foi nessa festa, em 1982, que conheci minha esposa Vera Lúcia, com quem eu me casaria em 1984.

O terceiro grande empreendimento seria o Grupo de Casais, fundado em 1984, quando casais amigos decidiram se reunir mensalmente, como eu e minha esposa; os compadres Benigno e Vitória; José Alves e Leila; José Aparecido e Beth ("in memorian"); Edvan e a saudosa Esmeralda, Vanderli. Cid e Sandra ingressariam depois. O Grupo de Casais, que cresceria com o tempo, somando-se aos membros antigos e tornando-se um alicerce da comunidade.

Depois, no final da década de 80, após conhecer a RCC através da amiga Maria Odete Pessoa de Vasconcelos, eu e a Edir Cardoso, minha "mãe preta", decidimos formar um grupo de oração na comunidade. A RCC era desconhecida em nossa diocese. Era necessário um trabalho prévio que levou alguns anos: começamos com a distribuição de livros carismáticos e a levar pessoas para conhecer grupos de oração na Arquidiocese do Rio de Janeiro (em Brás de Pina e no Cenáculo) e a participar dos retiros de carnaval da RCC no Maracanãzinho. Depois de certo tempo, eu e a Edir concluímos que tínhamos número suficiente de pessoas para começar um grupo de oração na comunidade. Então, em 1990, com diversos convidados, iniciamos as reuniões, e o nome escolhido - "Água Viva", sugestão da Rosa Pena. Anos depois, o Grupo de Oração Água Viva, já consolidado, se filiaria oficialmente à RCC.

O maior desafio que Deus nos confiou no "Sagrado" foi o de viabilizarmos a ampliação da Igreja, que ficara pequena para atender ao povo. O problema é que o terreno era um declive, muito acidentado, e requereria grandes investimentos e os nossos recursos eram muito escassos. A única solução era obtermos financiamento a fundo perdido. Como? Fui falar diretamente com Dom Mauro Morelli, com quem fizera amizade, levá-lo aos fundos do terreno após uma missa noturna, junto com o Nelson Guedes. Na época, a Adveniat, entidade católica alemã, estava liberando verbas para nossa Diocese para obras em igrejas. O bom bispo nos atendeu. Aproveitamos a planta original, da década de 50, que previa a conclusão dos dois terços faltantes e solicitamos ao desenhista Sr. Jorge, da Comunidade Cristo Rei, adaptações: as salas do térreo e o salão, além do anexo lateral com toaletes, cantina e prisma de ventilação.

A verba alemã deu para comprar a maior parte dos materiais. Os serviços foram feitos em mutirões, contando com a participação do Nelson Guedes, do Paulo Roberto ("Paulão"), do Zé Aparecido à frente, dos amigos do Grupo de Casais e de muitos outros. Ao fim, a área construída da Igreja Católica Sagrado Coração de Jesus fora quadruplicada e entregue ao Povo de Deus em 1990! Depois, conseguimos com o prefeito José Carlos Lacerda o calçamento das ruas Mauá e Boa Sorte.

O último grande evento que coordenei no Sagrado foi a bem-sucedida Semana do Jubileu, em junho de 2000, quando comemoramos os 50 anos de fundação daquela Igreja. A cada dia, convidados bem conhecidos: cantores católicas como Izaías, Giovanina Graff e Claúdia Cairo, o pregador Marcelo Souza, Dom Mauro Morelli, padres missionários italianos que marcaram época na comunidade. A igreja superlotada todas as noites, de segunda a domingo, difícil entrar no templo! O Jubileu foi uma despedida em grande estilo... A partir daquele ano, passaria a me dedicar integralmente à nascente Igreja Paulo Apóstolo, mas aí já é outra história.

AMAG
E AS LUTAS COMUNITÁRIAS

Na década de 80, no decorrer da redemocratização do país, houve grande mobilização popular para fundação e reativação de associações de moradores. Chegamos a pensar em fundar uma associação nova para o Gramacho, mas foi-nos oferecida, em 1985, a oportunidade e a documentação necessária para reabrir a **AMAG-Associação dos Moradores e Amigos do Gramacho,** que havia sido fundada em 1982, e que tivera como diretores, dentre outros: os saudosos Juarez Távora (ex-presidente do E.C.Gramacho), Adamastor José de Souza (dirigente do saudoso bloco Unidos do Gramacho), meu pai Aires Macedo da Silva (que havia sido presidente do E. C. Cantagalo e dirigente do Santo Antônio F. C.), o José Rodrigues (que foi da LBV), dentre outros.

Na ocasião, houve uma movimentação para a eleição da nova Diretoria e se inscreveram duas Chapas. A chapa 2, da qual eu fazia parte, era integrada pelos já saudosos amigos Durvalino dos Santos, Antonio Bastos Pinto, Edvan Ricardo (China). E por Antonio Ricardo, Luciene Medeiros, Maurício, a professora Dirce Soares, o Nilson, Geni, Marcinho, e outros. O grupo era um misto de aposentados (pois precisávamos de gente para fazer o dia a dia nos órgãos públicos), de militantes comunitários e de moradores com boa visibilidade no bairro. A eleição, realizada na Escola Municipal Barão do Rio Branco, foi um grande evento democrático. Quase seiscentas pessoas participaram do pleito! E vencemos com 60% dos votos!

Honramos os votos recebidos. Imediatamente, as reuniões passaram a ser realizadas em loja cedida por meu pai, a custo zero, na rua Cantagalo (atual Joaquim José Soares), abertas à participação de todos. Algumas das grandes conquistas da AMAG com as iniciativas populares: a) Pleitos atendidos pelo saudoso prefeito José Carlos Lacerda para o calçamento de diversas ruas dos morros do bairro: Guilherme da Silva Lopes (antiga Palma), Marechal Góis Monteiro, Pati, Boa Sorte, Mauá e Bom Jardim, Tenente Cleto Campelo (antiga Capivari) e Costa Rubim (antiga Circular), b) Municipalização do tradicional Colégio Ruy Barbosa; c) Atendimento médico gratuito na Sede da AMAG com médicos cedidos em convênio com a Prefeitura; d) Instalação de sinais na Avenida Presidente Kennedy (atual Governador Leonel de Moura Brizola), na altura da Praça da Bíblia, onde diversas pessoas haviam morrido; e) Mudança do itinerário da linha de ônibus Araruama-Gramacho, trajeto que beneficiou milhares de moradores; f) Conquista do CIEP Carlos Chagas junto ao Governo do Estado. Alguns projetos levaram anos para se concretizar, como o da Praça Beto um Amigo, na Avenida Rio Branco, espaço que o saudoso Mamede (o cidadão-samba Nenéu) batizou de Lacerdão para comover o prefeito José Carlos Lacerda, na década de 90, a desapropriar a área, o que não foi possível na época. Somente nos anos 2000, já com o prefeito Zito, os 16 terrenos seriam desapropriados e transformados em grande espaço de lazer pelo seu sucessor, na gestão Washington Reis.

Dediquei-me à AMAG por longos doze anos, seis gestões (1985 a 1997), sempre reeleito. Saí para dar vez a outras lideranças e também para estudar e tocar outros projetos de vida. Deixei a entidade com o dever cumprido: mais de 1.000 sócios, grande apoio popular e reuniões semanais abertas aos moradores para ouvir suas demandas, mantendo-a livre de interferências partidárias. Infelizmente, outro grupo assumiu, não conseguiu manter o ritmo, e o projeto não foi levado adiante. Aprendi muito na AMAG, fiz muitas amizades, e fico feliz porque foi através dela que contribuí um pouco para a melhoria da qualidade de vida do bairro que tanto amo.

Juarez Távora e Aires Macedo, meu pai, dois dos fundadores da AMAG, na posse de nossa Diretoria eleita, em 1985

PAULO APÓSTOLO
UMA NOVA IGREJA PARA O GRAMACHO

Contemplo, satisfeito, essa igreja, sonho que consumiu mais de duas décadas de minha vida. O belo e espaçoso templo em estilo moderno, dois andares, torre com pedras decorativas e uma grande rosácea, domina e embeleza aquele trecho da Avenida Rio Branco, no Gramacho. Eu pedi o projeto ao saudoso arquiteto e amigo Alfredo Paschoal, falecido este ano, que as doou. A meu ver, uma das mais bonitas igrejas católicas de nossa diocese. O cálculo estrutural foi feito por outro amigo, o engenheiro Luiz Galdino.

O início, porém, foi difícil. Em 1995, um loteamento novo em Gramacho estava em expansão, nos arredores alagadiços próximos do entorno da Avenida Rio Branco - então um verdadeiro caminho de lamaçal - e do rio Sarapuí, chamado de "guacha". Eu participava, na época, na Igreja Sagrado Coração de Jesus, na rua Boa Sorte. Vislumbrei ali o futuro do bairro. Solicitei e obtive do então pároco, o Padre Paulo de Oliveira, autorização para o trabalho de evangelização, o que foi feito por escrito. Em gratidão à confiança do sacerdote, dei o nome de "São Paulo" à futura comunidade, ainda um sonho só meu. O terreno na Avenida Rio Branco, 1649, foi adquirido em 1998 pelo Padre Pedro Bracelli, novo pároco. Enquanto isso, eu ia fazendo visitas às casas, animando o povo, dando-lhe esperança.

Em 25 de janeiro de 1999, com autorização do Padre Pedro, iniciamos oficialmente a caminhada da comunidade com missa e procissão da pedra fundamental da Igreja Sagrado Coração de Jesus até ao terreno da futura Igreja São Paulo Apóstolo, com a posse da Comissão constituída pela minha pessoa e amigos convidados por mim: Edir Rocha, Edith Pena, Ester Pena, Oneida Berbereia e João Guerra. E mais gente foi se agregando com o tempo: Ydérzio, Esther Pena, Janaína, Clóvis, Marli, Sérgio Babá, Myrthes, Fátima, Lúcia, Zeca e Margarida, Cláudia e Susi, Maria José, Elvira, Eduardo, Terezinha, Jorgina, Ilka... e muitos outros, não dá para citar todos.

Passamos a fazer reuniões nas casas, depois conseguimos, com o Sr. Edmilson, a cessão gratuita de seu salão de pagode na rua Rio Preto. Posteriormente, realizamos encontros de oração nas noites de segundas, depois terças. Enquanto isso, fazíamos campanhas financeiras (carnês, festas, cantinas, donativos etc.) para dar continuidade às obras de aterro, de sapatas, cisterna, muros, grades, lajes, janelões e demais obras da igreja.

No Salão Point do Pagode, as reuniões de meio de semana enchiam o espaço para as noites de louvor – chegamos a ter mais de 400 presenças consignadas em livro -, muitas vezes com bandas convidadas. Passamos a ter celebrações dominicais, pelas manhãs, ainda no Salão. A comunidade se expandia muito. Em 2003, mesmo com o templo inacabado, transferimos as atividades para lá. Dom José Francisco fez a bênção da parte térrea da construção em 24.01.06. Enquanto isso, pensando no futuro, passamos a construir o segundo andar.

Gostaria de frisar que a Igreja Paulo Apóstolo foi uma bela experiência de vida para muita gente, que ali encontrou ambiente de cura, de conversão, de caridade, de alegria. Em 2000, fizemos a primeira Festa Caipira, que ficaria sob minha coordenação geral até 2018, e que se tornaria, com o tempo, o maior evento do gênero no Gramacho, atraindo muita gente, muitas das quais acabariam conhecendo e se filiando à comunidade. Outros eventos marcantes foram os animados "bingos" (shows de prêmios) e os almoços comunitários, momentos de confraternização.

Bom frisar que, de acordo com o compromisso firmado com a Paróquia, a construção da Igreja Paulo Apóstolo foi toda ela realizada com recursos próprios, gerados pela própria comunidade, sem necessidade de verbas externas, o que ilustra a grande mobilização popular. A construção da Igreja, não desviou a atenção das atividades evangelizadoras, pelo contrário: além das pastorais (Liturgia, Catequese, Batismo, Criança, Social, Círculos Bíblicos etc.), outras realidades foram inseridas: a Legião de Maria, o Apostolado da Oração, o Terço dos Homens, a Juventude... E o Apostolado do Oratório que chegou a abranger onze grupos espalhados em diversas ruas do bairro! Celebrações dominicais pela manhã e à noite, com média semanal entre 400 e 450 pessoas!

Continuo participando da querida Comunidade - pastoreada pelos padres Lindenberg e Valter - no Catecumenato, que tem revelado belas vocações de leigos dedicados; na Pascom; e na Pastoral Social, onde em parceria com o Grupo Escoteiro Tiradentes, assistimos mensalmente famílias vulneráveis com cestas básicas e colaboramos com remédios, roupas, e empréstimos de cadeiras de rodas e muletas. Deus seja louvado!

2004: São Cosme e São Damião
Primeira missa na rua Virgínia

São Jorge,
visita de Padre Guido à Capela

IGREJA SÃO COSME E SÃO DAMIÃO E CAPELA SÃO JORGE

Em meados de 2004, em almoço promovido no Ambulatório Paroquial Irmã Beta, na Vila Rosário, o missionário comboniano Padre Guido Grilli, pároco de Gramacho, comentou que havia quatro anos que algumas pessoas do Parque do Carmo (bairro então sem igreja católica), pediam a presença da Igreja, mas que ele não dispunha de tempo. Então, convidou-me para fazer um trabalho de evangelização nos mesmos moldes do realizado na Comunidade Paulo Apóstolo. Propus que os patronos fossem São Cosme e São Damião, santos queridos de minha infância. O sacerdote gostou, disse que também ele era gêmeo com o irmão Vitório, padre na Itália. Ele me apresentou à Sra. Judite e, a partir dela, fui montando uma rede de católicos do bairro. O trabalho teve início com reuniões ao ar livre nas residências dos saudosos Dona Judith e do Sr. Eduardo Costa. Aos poucos, outras pessoas foram se agregando, algumas delas assistiam missas em comunidades de outros bairros, outras pela televisão, e outras, ainda, em lugar nenhum!

Com a graça de Deus, no dia 26 de setembro de 2004, foi presidida pelo Padre Guido, a primeira missa, ao ar livre, em um terreno na rua Virgínia, naquele bairro, com muitos participantes. Neste início, ressalto o desprendimento da Sra. Madalena Baldo, que aceitou ser ministra, e o comprometimento da Sra. Elizabeth Batista, que assumiu como coordenadora, sendo meu braço-direito no acompanhamento diário das obras. Com a chegada de outros moradores que se reuniam em lares para a oração do terço, precisávamos obter um local apropriado para os encontros. Então, surgiu a oportunidade de nos reunirmos no imóvel que havia sido utilizado como sede pela Associação de Moradores do bairro na rua Reia e que estava desativado. O local foi disponibilizado pelo Sr. José Feitosa, dirigente da entidade, e lá passamos a ter Celebrações da Palavra semanais. Um amigo diácono permanente, Ismael Damázio, e Padre Guido, vinham uma vez ao mês. As pessoas foram se acostumando e a comunidade paulatinamente crescendo.

Em 2005, começamos a construção do belo templo na rua Reia, nos fundos de um terreno, onde havia uma grande lixeira usada pelos vizinhos. O projeto solicitei ao meu saudoso compadre, Alfredo Paschoal, falecido este ano, que não nos cobrou nada. Construímos a Igreja em mutirão, sem que a Paróquia São Sebastião precisasse assumir custos: fizemos as sapatas e parte das colunas com sobras de ferros da Igreja Paulo Apóstolo; meu pai, Aires Macedo, fez a doação das tábuas; eu doei todos os tijolos; uma devota fez o donativo dos basculantes após uma graça recebida; o marido da Madalena Baldo doou madeiras; o Silvério do Espírito Santo doou terra e cimento, e recebemos doações, incluindo dos carnês de devotos. Em 2008, colocamos a cobertura da igreja, com valores doados metade por um amigo meu e a outra por um amigo do padre Guido. E com a conclusão do templo, com telhado, ainda sem acabamento, dei por terminada minha missão missionária no bairro, feliz em ver que a comunidade vem crescendo bastante, com frutos abundantes... Deus seja louvado!

Capela São Jorge

A Capela da Vila Rosário, na rua Lauro Sodré, Vila Rosário, foi sonho não realizado do Padre Guido Grilli: visitamos o local em 2007, mas não houve tempo, pois ele foi transferido da Paróquia São Sebastião no ano seguinte. Em 2008, o casal de amigos Clayton e Luciana Gomes, que estava participando da Comunidade São Cosme e São Damião, fez-me um apelo para uma presença missionária naquele local, onde possuíam diversos familiares e amigos, que eu não conhecia. E, com ela, iniciei as visitas a eles. A base foi a família Gomes: as irmãs Penha e Catarina, e os pais Vitorino e Terezinha, filhos e sobrinhos, que tinham residência no mesmo quintal. E alguns vizinhos, como a família do José Eucarístico.

Em maio de 2009, após autorização do novo pároco – Padre Benedito Zanobia – que deu total apoio, começamos os encontros com as famílias no meio do quintal do Sr. Vitorino, em maio a galinhas e cachorros (risos). Passamos, depois, para a garagem da Sr. Penha Gomes, e depois à residência da Sra. Luciana, que foi adaptada para ser capela. A primeira missa na capela provisória, em 2009, foi presidida pelo Padre Daniel Felix, então Vigário-Paroquial. Para as celebrações da Palavra, nas manhãs de domingo, elaborei uma escala de amigos ministros que se revezavam: Sras. Edith Pena, Elvira Veríssimo, Myrthes Lopes e Paulo Roberto (o "Paulão"). A comunidade passou a ter catequese, preparação para o batismo e a realizar as procissões e festas do padroeiro, quermesses juninas bem participadas, almoços e bingos, além de carnês, levantando recursos para a futura aquisição de terreno próprio para a construção de um templo definitivo, verbas entregues aos cuidados da Paróquia São Sebastião. Com a criação da nova Paróquia São João Paulo II, em 2015, e tendo em vista que a Capela São Jorge ficara sob a jurisdição da Paróquia São Sebastião, dei por terminado, ali, meu trabalho missionário. Agora, em 2023, oito anos após, alegro-me com a notícia de que, enfim, São Jorge terá um lar definitivo na Vila Rosário.

CHEFE ESCOTEIRO
NO GRUPO TIRADENTES

Eu conhecia o 47º Grupo Escoteiro Tiradentes – GET - somente através de desfiles. Em 1989, eu era Vice-Presidente da AMAG-Associação dos Moradores e Amigos do Gramacho e uma delegação do GET veio me pedir apoio para a transferência do Grupo da Vila São José para Gramacho. Abracei, como dirigente comunitário, a causa com entusiasmo. Consegui, inicialmente, as dependências do CRIAM, instituição pública de reeducação de menores infratores, dirigido pelo saudoso Nelson Arsênio, mas como havia riscos, obtivemos o espaço da Escola Municipal Barão do Rio Branco para as atividades de quadra, estabelecimento dirigido pela brilhante professora Maria Esther Monteiro Abdo. Então, fiquei como apoiador, sem ser membro.

O GET, na época, passava por grave crise. Com o falecimento, em 1987, de Tenório Cavalcante, o grupo foi impedido de continuar na sua famosa e ampla Chácara na Vila São José, onde possuía um galpão para almoxarifado e local para atividades. A experiência em um CIEP próximo não foi bem sucedida. A solução, drástica, era a de se mudar da Vila, onde estava desde sua fundação, em 1960, pois havia o risco do Grupo fechar. A mudança para Gramacho impactou muito o Grupo, que por anos foi o maior em efetivo da Baixada Fluminense, pois a maior parte do efetivo de membros juvenis, lideranças e famílias apoiadoras não se transferiu. Em 1991, pessoas do 47º entraram em contato comigo, pois o Grupo estava estagnado, em franco declínio, com a saída de diversos membros e corria novamente o risco de fechar, solicitando que eu ingressasse no GET e assumisse o cargo de Presidente do Comissão Executiva de Grupo. O desafio foi aceito. E, por sucessivas vezes, fui eleito Presidente.

De imediato, do alto de meus 18 anos de vida comunitária na época, analisando o cenário do Grupo e ouvindo muitos, promovi uma operação "salva-vidas" que consistiu de: a) Processo de "gramachização" do GET: fincar raízes no Gramacho, virar a página do retorno à Vila São José, que imobilizava iniciativas; b) Intensificação do recrutamento de adultos e de membros juvenis moradores do Gramacho; c) Estreitamento de relações com outros organismos escoteiros; d) Desligamento de escotistas com comportamentos inadequados e sem conformidade com o Escotismo. Nesse período, contei com o apoio do Comissário Distrital, na época, Chefe Marco Antônio Gama e dos Chefes Antônio Alexandre Vieira e Adamastor José de Souza, já falecido. A partir de 1994, convidei o saudoso amigo Chefe Carlos Augusto da Silva, que estava afastado do Escotismo, para a reestruturação da parte técnica, serviço que executou com enorme sucesso até seu precoce falecimento em 1996.

Ao longo desse tempo, o Grupo Escoteiro Tiradentes consolidou-se em Gramacho, desde 2014 acolhido pela Escola Municipal Cora Coralina, também do bairro, e pelo seu benemérito diretor Professor João Pedro. O Grupo vem investindo em equipamentos, Sede, em atividades distritais, regionais, nacionais e até internacional! Muitos companheiros sonharam, e muitos sonham comigo até hoje, esse grande sonho, dentre os quais Thamyres Azevedo, Wendel Salimes, Gabriel Salimes, Erick Assis, Theodoro Neto, Renan Linhares, Naizidy Fernandes, Dalva das Dores, Margarida Santos, o casal Luís Carlos e Edna Saleiro, os irmãos Renato e Andreia Oliveira, Renata Medeiros, Diogo Fonseca, os irmãos Gilcarlos e Nínive Sá, Kléber Lucas, Bruno Alves, Jailton Júnior, Ana Carolina Salles, Rafael, Isabela Almeida, Geilza, Maria da Luz, Adriano e tantos outros... Isto sem falar do Fundador do GET, o saudoso Chefe Rubens Alves de Oliveira, que voltou para o Grande Acampamento em 12/08/16, aos 73 anos.

Depois de mim, outros familiares ajudaram a escrever a história do GET: minhas filhas Karla Roberta e Karina Freitas, os sobrinhos Cleverton Kleiton, Anne Caroline, Pauline, Diego e Luigi, Cristiano, Nicolas e Suelen, Bárbara e Rayssa, e dezenas de filhos de amigos. Atualmente, o GET é um grupo completo, com as quatro Seções (Alcateia, Tropas Escoteira e Sênior, e Clã Pioneiro). Desde 2021, possui Sede na rua Piraí em Gramacho e, em 2023, recebeu novamente a classificação de Padrão Ouro pela União dos Escoteiros do Brasil. Talvez como reconhecimento a esse trabalho, em 2022, representantes dos grupos escoteiros da Baixada Fluminense me elegeram Coordenador do 7º Distrito Escoteiro da Baixada Fluminense, decisão ratificada pala Região Rio da UEB-União dos Escoteiros do Brasil. Resumindo: agradeço tudo o que o Escotismo tem proporcionado a mim, aos familiares e amigos ao longo desses 32 anos. E agradeço a Deus a oportunidade de ser mais um tijolinho nessa bela história do Grupo que em 2023 completa 63 anos de fundação. Sempre Alerta para Servir!

JORNALISMO, TEOLOGIA E O COMPLEXO SÃO BENTO

Jornalismo - Jornal Pilar. O convite para participar de forma contínua no jornal diocesano Pilar foi-me feito pelo Padre Daniel Felix em 2009. Antes, eu havia sido o responsável do jornal paroquial "Milênio", da Paróquia São Sebastião, de Gramacho, com notícias das comunidades e das atividades paroquiais; e que possuía a expressiva tiragem mensal de 3 mil exemplares. No Jornal Pilar, além do padre, trabalhei com a equipe composta pelo Hebert Tomazine, Isabel Lopes e Adielson Agrelos, minha colaboração foi crescente: revisão de todas as matérias e elaboração de textos, até ser nomeado jornalista-responsável pela publicação, devido à minha formação acadêmica em Comunicação Social, pela UFF. Vivemos muitas conquistas no jornal diocesano: cobertura dos grandes eventos diocesanos, encartes dos Círculos Bíblicos, edições extras do jornal (renúncia do Papa Bento XVI, homenagens aos saudosos padres Adjan Vargas e Neuton Neto, revista "Padre Paulo, 100 Anos", despedida das Irmãs da Divina Vontade e dos Canossianos). Depois, durante o período da pandemia, vivemos a necessidade do formato digital, retornando ao impresso em 2023. Neste ano, completo 14 anos de serviços ininterruptos ao jornal Pilar, veículo oficial de comunicação da Diocese de Duque de Caxias.

Teologia - EDFM. Meu primeiro contato acadêmico com os estudos teológicos foi na Faculdade João Paulo II, da Arquidiocese do Rio de Janeiro, onde graduei-me em Ciências Religiosas. Depois, com a pós-graduação em Teologia (PUC-Rio), concluído em 2011. No segundo semestre de 2017, o bispo diocesano, Dom Tarcisio, convidou-me para participar da Coordenação da **EDFM-Escola Diocesana de Formação Ministerial**, a equipe contando com a participação do Diácono José Eduardo, da Margareth Siebra, da Viviane Santos e do Orlando. Este foi um período de aprendizado. Somente no ano seguinte, 2018, com a nova turma, foi-nos possível desenvolver projetos específicos: a organização da biblioteca com a aquisição de livros afins à grade curricular; a implementação do carnê; a implantação da cantina no formato "peg-pag"; a aquisição de frigobar para venda de refrigerantes e sucos para os alunos; e a conta-corrente própria da Escola, o que viabilizou operações via pix. A maior conquista foi, sem dúvida, a constituição de nova turma dois anos depois (a 2020). Com isso, a EDFM passou a abrir turmas de dois em dois anos (antes eram em quatro), a trabalhar simultaneamente com duas turmas. O grande desafio foi durante a pandemia, com as aulas virtuais e as dificuldades decorrentes das conexões instáveis. Em 2019, Padre Patrick Brandão foi designado por Dom Tarcisio como o padre referencial da EDFM, o que agregou muito ao propósito de oferecer ensino de qualidade com ambiente eclesial; além de ser instituição de "formação ministerial": de comunhão com a Igreja. O tempo passa! Já são seis anos de serviço à EDFM!

Complexo São Bento – este é um espaço eclesial que conheço desde jovem, década de 70, tempos do Patronato! Uma realidade múltipla: patrimônio histórico (Casarão e Capela); Casa São Francisco (de encontros, retiros e exposições); Pastoral da Criança (Sede Regional e Diocesana); Núcleo de Memória do Migrante Nordestino; área de preservação ambiental e ponto de acolhida de exposições do Museu Vivo São Bento. Em 2021, aquele local vinha sofrendo com a escassez de recursos e com a dificuldade de gestão do amplo espaço; e recebi o convite de Dom Tarcisio para compor o Grupo de Gestão do Complexo São Bento, juntamente com o Diácono João Querino e com os Padres João Gilvan (da Paróquia São Bento). Ali, passei a dar plantões todas as quartas-feiras, a prestar consultorias, e a mobilizar recursos humanos e financeiros para reformas e revitalizações. Paulatinamente, os cômodos da Casa São Francisco recuperam vida, com restaurações, pinturas e decoração: portaria, salas de reunião, refeitórios, cantina, galerias, jardins. E é salutar verificar o encanto dos usuários e visitantes daquele espaço. Ressalto o apoio do Antônio de Pádua, do Irmão Ariosvaldo, da Luciana Araújo, e do casal Ricardo e Celma da Comunidade Maranathá. Temos sonhos: recuperar todo o andar térreo e iniciar a revitalização do segundo andar... E, fortalecendo sua vocação cultural, criar a exposição permanente da História da Igreja na Baixada Fluminense, sonho do bispo diocesano. Perseguiremos essas metas enquanto forças Deus nos der...

LINHA DO TEMPO

1973
(ATÉ 1977)
ESPORTE CLUB CANTAGALO (GRAMACHO)

1977
GRUPO JOVEM JAG JUVENTUDE AMIGA DO GRAMACHO (P. SÃO SEBASTIÃO) GRAMACHO

1977
(ATÉ 2000)
IGREJA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS (GRAMACHO)

1991
(ATÉ 2023)
47º GRUPO ESCOTEIRO TIRADENTES (GRAMACHO)

2000
(ATÉ 2008)
JORNAL MILÊNIO (P. SÃO SEBASTIÃO) GRAMACHO

2004
(ATÉ 2008)
IGREJA SÃO COSME E SÃO DAMIÃO (PARQUE DO CARMO)

2009
(ATÉ 2023)
JORNAL PILAR (DIOCESE DE DUQUE DE CAXIAS)

2021
(ATÉ 2023)
COMPLEXO SÃO BENTO (DIOCESE DE DUQUE DE CAXIAS)

1977
(ATÉ 1980)
MOVIMENTO DOS ENCONTRISTAS (P. SANTO ANTÔNIO) DUQUE DE CAXIAS

1984
JORNAL "O SEMEADOR" (P. SÃO SEBASTIÃO) GRAMACHO

1985
(ATÉ 1997)
AMAG ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES E AMIGOS DO GRAMACHO

1999
(ATÉ 2023)
IGREJA SÃO PAULO APOSTOLO (GRAMACHO)

2009
(ATÉ 2014)
CAPELA SÃO JORGE (VILA ROSÁRIO)

2015
(ATÉ 2023)
PASTORAL DA COMUNICAÇÃO (P. SÃO JOÃO PAULO II)

2017
(ATÉ 2023)
EDFM ESCOLA DIOCESANA DE FORMAÇÃO MINISTERIAL (DIOCESE DE DUQUE DE CAXIAS)

2022
(ATÉ 2023)
UNIÃO DO ESCOTEIROS DO BRASIL (7º DISTRITO DO BRASIL) BAIXADA FLUMINENSE

OBS.: NÃO ESTÃO CONSIGNADOS DIVERSOS SERVIÇOS COMUNITÁRIOS ESPORÁDICOS E DE CURTA DURAÇÃO